

O HOMEM COMO MEDIDA

ANTONIO JOSÉ ROMERA VALVERDE

Resumo: A questão de Deus que foi parte da prática e mentalidade medievais mudou no início da Renascença e estabeleceu uma nova perspectiva sobre o homem. Este artigo pretende analisar esse deslocamento de Deus para o homem – levando em consideração o homem como “medida”, capaz de criar a si próprio na liberdade.

Abstract: The issue of God, which was ideologically part of medieval mentality and practice, changed at the onset of the Renaissance and gave rise to a new perspective about man. This paper intends to investigate that change – from God to man – taking into consideration man as “measure”, able to create himself in freedom.

Palavras-chave: man, measure, covert practical atheism, Renaissance
homem, medida, ateísmo, renascimento

A humanidade chegou ao sentimento da verdadeira reconciliação do espírito em si mesmo e a uma consciência tranqüila em sua realidade no mundo temporal. O espírito humano deu-se conta de si. Nesse sentimento de si mesmo a que o homem chega não existe nenhuma revolta contra o divino, pois nele revela-se a melhor subjetividade, a que percebe o divino em si, que é penetrada pelo verdadeiro e volta a sua atividade para o fim universal da sensatez e da beleza. (HEGEL – A Filosofia da História)

Sob inspiração neoplatônica, Pico della Mirandola escreveu:

...Decretou então o ótimo Artífice que àquele ao qual nada de próprio pudera dar, tivesse como privativo tudo quanto fora partilhado por cada um dos demais. Assim, pois, tomou o homem, essa obra de tipo indefinido e, tendo-o colocado

Antonio José Romera Valverde é professor de Filosofia na PUC-SP e na Fundação Getúlio Vargas-SP, Brasil.

O presente artigo é fruto da pesquisa “O homem do Renascimento”, financiada pelo NPP-FGV-SP.

no centro do universo, falou-lhes neste termos: ‘A ti, ó Adão, não temos dado nem uma sede determinada, nem um aspecto peculiar, nem um múnus singular precisamente para que o lugar, a imagem e as tarefas que reclamas para ti, tudo isso tenhas e realizes, mas pelo mérito de tua vontade e livre consentimento. As outras criaturas já foram prefixadas em sua constituição pelas leis por nós estatuídas. Tu, porém, não estás coarctado por amarra nenhuma. Antes, pela decisão do arbítrio, em cujas mãos te depositei, hás de predeterminar a tua compleição pessoal. Eu te coloquei no centro do mundo, a fim de poderes inspecionar, daí, de todos os lados, da maneira mais cômoda, tudo que existe. Não te fizemos nem celeste nem terreno, mortal ou imortal, modo que assim, tu, por ti mesmo, qual modelador e escultor da própria imagem, segundo tua preferência e, por conseguinte, para tua glória, possas retratar a forma que gostarias de ostentar. Poderás descer ao nível dos seres baixos e embrutecidos; poderás, ao invés, por livre escolha da tua alma, subir aos patamares superiores, que são divinos... Quem não admiraria esse novo camaleão? Ou que outra coisa mais digna de ser admirada?’¹

A passagem em tela é amostra de manifesto exaltado acerca do *locus* do homem entre os seres da natureza e dos “céus”. Ser potencialmente capaz de autocriar-se, autoprojetar-se e modelar a si mesmo, em liberdade. Expressão do ideal de homem fáustico, talvez a maior altura antropológica alcançada por um humanista do Renascimento, por conseguinte, todas as tentativas anteriores encontram nela sua síntese e acabamento. Deste ponto de vista, o homem do Renascimento se autoconcebe como um ser dinâmico, reconhecendo todas as suas possibilidades de transformar a si mesmo, tanto pelo viés ideológico humanista quanto pela execução de uma nova *Weltanschauung*. Tal homem “percebe” o mundo a seu redor como a si mesmo em constante movimento. Ao modo de Montaigne: “*Le monde n’est qu’une branloire pérenne*”.

Burckhardt, historiador suíço com alguma tintura hegeliana, tendo vivido um processo educacional similar dos humanistas cívicos florentinos,² descobriu o tema do dinamismo do homem renascentista pelo viés do

1. GIOVANNI PICO (Pico della Mirândola). **A Dignidade do Homem**. 2ª edição. Campo Grande: tradução Luiz Ferracine, Solivros/Uniderp, 1999, págs. 53/55. Grande, Solivros/Uniderp, 1999, pp. 53/55.

2. *Apud* “Jacob Burckhardt: profeta da nossa época”, In CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaios Reunidos 1942-1978**. vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks/Univercidade, 1999, págs. 84/85 e 261.

individualismo, pois os contemporâneos daquela cultura não cuidaram deste tema em seus tratados. Burckhardt escreveu:

Na Idade Média, ambas as faces da consciência – aquela voltada para o mundo exterior e a outra, para o interior do próprio homem – jaziam, sonhando ou em estado de semivigília, como que envoltas por um véu comum. De fé, de uma prevenção infantil e de ilusão tecera-se esse véu, através do qual se viam o mundo e a história com uma coloração extraordinária; o homem reconhecia-se a si próprio apenas enquanto raça, povo, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas do coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal véu dispersa-se ao vento; desperta ali uma contemplação e um tratamento “objetivo” do Estado e de todas as coisas deste mundo. Paralelamente a isso, no entanto, ergue-se também, na plenitude de seus poderes, o ‘subjeto’: o homem torna-se ‘indivíduo’ espiritual e se reconhece enquanto tal. Assim erguera-se outrora o grego ante os bárbaros...³

Se a instituição modelar da Antigüidade greco-romana era a política e, da Idade Média européia, a religião, para a Modernidade a instituição exemplar tem sido a economia de mercado. Representadas em seus ícones: ágora, catedral, empresa (“companhia”). Assim também, se a cultura medieval esteve funcionalmente voltada para o problema de Deus e da vida futura – inspirada na melhor tradição judaico-cristã, como proposituras e arremates extensivos do “ideal de cultura cristã” agostiniano⁴ de inspiração

3. BURCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália – um ensaio**. Tradução Sérgio Tellaroli. S. Paulo: Cia. das Letras, 1991, pág. 111. Segundo BURKE, missiva de Burckhardt, escrita ao final da vida a um conhecido, dá conta de sua descrença “nessa questão de individualismo”. In BURKE, Peter. **O Renascimento Italiano – Cultura e Sociedade na Itália**. Tradução José Rubens Siqueira. S. Paulo: Nova Alexandria, 1999, pág. 230.

4. A propósito do ‘ideal de cultura cristã’, conferir In SANT’AGOSTINO. **L’Istruzione cristiana**. a cura di Manlio Simonetti. Libro Secondo, XL, 60 e 61, XLII, 63. Verona: Fondazione Lorenzo Valla/ Arnoldo Mondadori Editore, 1994, págs. 163/169. Tal “ideal” findou por inspirar as relações entre a Cidade de Deus e a Cidade terrena durante grande parte da Idade Média. Ambos – ideal e Cidades – compõem o pano de fundo ideológico das discussões e norteamento político daquele período histórico. Para um exame da origem, evolução e crise, destas concepções de Cidades até o paradoxo do “Império universal”, conferir GILSON, Etienne. **Les Métamorphoses de la Cité de Dieu**. Louvain/Paris, Publications Universitaires de Louvain/Librairie Philosophique J. Vrin, 1952, págs. 37/153. Em especial, o capítulo “L’Empire Universel”, que contém uma análise pontual da obra *Monarchia*, de Dante Aligheri, págs. 110/153. Conferir também “L’idéal historique de la chrétienté médiévale”, In MARITAIN, Jacques. **Humanisme Intégral: problèmes temporels et spirituels d’une nouvelle chrétienté**. Paris: Montaigne, 1947, págs. 150/167.

platônica –, a nova cultura inaugurada pelo Renascimento resgatará o homem, em sua natureza e condição, núcleo central de todo interesse humano futuro. Esta ultrapassagem/ruptura se deu sob um acelerado processo de secularização,⁵ cujo resultado foi o ateísmo prático e não aberto, de braços com as adaptações necessárias impostas pelo aditamento da Reforma luterana. Tal não realizou senão a entronização do homem como ser capaz de superar e recriar ideais necessários e universais, à medida em que os ideais cristãos medievais se cumpriram.

Amostras do ateísmo prático-não aberto renascentista podem ser reconhecidas largamente através das falas das personagens da primeira comédia moderna, **La Mandragola**, de Maquiavel. Escrita em 1518, a ação, no entanto, se passa na Florença de 1504, antes da volta dos Medici. Frei Timóteo,⁶ confessor de Lucrecia – casada, belíssima, virtuosa, vigiada pelo marido, alvo da sedução de Calímaco –, por dinheiro, permite um aborto irrealizável e a consumação de adultério. A instituição família, representada pela mãe de Lucrecia,⁷ a ciência encarnada pelo falso médico Calímaco e a religião, unificam seus discursos afim de justificar o adultério como solução para o problema do casal: Lucrecia e *messer* Nícia não conseguem ter

5. Acerca do problema da secularização durante o Renascimento conferir “Secularização”, In HELLER, Agnes. **O Homem do Renascimento**. Tradução Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1982, págs. 56/75.

6. “Cena XI, do “Ato III”, de **La Mandragola**, Frei Timóteo, frente a dificuldade de convencer Lucrecia a aceitar ter relações sexuais com outro homem, que não fosse o marido, raciocina teologicamente afirmando: “Desejo voltar ao que vos dizia há pouco. Quanto à consciência, deveis adotar este princípio geral, de que, onde há um bem certo e um mal incerto, nunca se deve deixar esse bem por medo daquele mal. Aqui, temos um bem certo: que vós concebereis e conquistareis uma alma para Deus Nosso Senhor. O mal incerto é que aquele que se deite convosco, após a poção (de mandrágora), venha a morrer. Mas há também os que não morrem. Sendo, porém, coisa duvidosa, é bom que *messer* Nícia não corra esse perigo. Quanto ao ato, que seja pecado, é uma léria, porque a vontade é quem peca, e não corpo; e a causa do pecado seria descontentar o marido, e vós o contentais; seria ter prazer nele, e vós provais desgosto. Além disso, deve-se, em todas as coisas, considerar o fim; o vosso é preencher uma vaga no paraíso, satisfazendo vosso marido. Diz a Bíblia que as filhas de Lot, julgando que tivessem ficado sós no mundo, se uniram com pai; e, porque sua intenção foi boa, não pecaram.” In MAQUIAVEL, N. **A Mandrágora**. Tradução Mário Silva. S. Paulo: Abril Cultural, 1976, pág. 83. A propósito, conferir “Maquiavel e a poética da *virtù*”, In BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro: Civ. Bras., s.d., págs. 57 ss.

7. *Apud* “Le donne italiane e la lussuria”, In VERDIGLIONE, Armando. **Niccolò Machiavelli**. Azzate: Spirali/Vel, 1994, págs. 161/173.

filhos. As platéias do *Cinquecento*, incluso o Papa Leão X, gargalharam de si mesmas ao rirem da comédia. Sem se dar conta de que o núcleo da moralidade cristã entrara em declínio desde o século XII. Era a própria virtude cristã que estava sendo criticada pela habilidade de Maquiavel.

Contextualizando: por volta do século XII, alguns monges cristãos dedicados à contemplação do Bem divino, trancafiados em clausuras como prova do desprendimento deste “vale de lágrimas”, sentiram tédio – em latim tardio, *acedia*; em grego, *akedia*. Haviam enjoado da contemplação do Bem divino. Tédio como expressão de sofrimento pessoal, cujo significado não é outro que o sentimento de cumprimento das premissas do ideário cristão, projetadas por Santo Agostinho. A Cristandade, que se impusera hegemonicamente durante grande parte da Idade Média, começara a conhecer seu ocaso, fraquejando sua imposição do tom político-ideológico. Para o caso, o tédio funcionava como antecâmara da próxima síntese cultural, expressava àqueles monges, pessoas mais sensíveis e intelectualmente mais preparadas, a real situação de consolidação e princípio de desmanche da ideologia cristã, ao menos na Europa, naquele momento. Destarte, o fato histórico do Renascimento foi prenunciado alguns séculos antes, no aguardo do “fim do mundo” – precisamente o fim do mundo da cultura medieval.

Releituras desesperadas do **Apocalipse** de São João retornaram à cena político-religiosa desde o Inverno de 1144. Miséria, desesperança e desconsolo das massas famintas, foram os ingredientes básicos do milenarismo medieval. O milenarismo de Gioachino dei Fiori (1145-1202),⁸ abade e eremita calabrês, fruto de revelação mística, garantia que passadas a Era do Pai e a Era do Filho, relativas à Idade Antiga e à Idade Média, a

8. “A idéia de que as Escrituras continham um significado oculto estava longe de ser nova; os métodos tradicionais de exegese sempre concederam grande papel às interpretações alegóricas. A nova idéia era que tais métodos se poderiam aplicar, não apenas para fins morais e dogmáticos, mas também como meio de compreender e de prever o desenvolvimento da história. Joaquim está convencido de ter encontrado uma chave que aplicada aos acontecimentos e personagens do Antigo e do Novo Testamentos e sobretudo ao *Apocalipse*, tornava-o capaz de intuir na história um modelo e um significado e de profetizar os seus desenvolvimentos futuros.” In COHN, Norman. **Na Senda do Milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Tradução Fernando Neves e Antonio Vasconcelos. Lisboa: Presença, 1981, pág. 89. Conferir também “Da *Tiburtina* a Joaquim de Fiore”, “A posteridade joaquimita” e “Joaquimismo, rei salvador e papa ‘angélico’”, In DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**. Tradução Paulo Neves. S. Paulo: Cia. das Letras, 1997, págs. 32/ 49, 50/65 e 66/87, respectivamente.

crisandade estaria apta para ingressar na Era do Espírito Santo. Novo tempo em que toda desigualdade social seria aniquilada e a justiça irrestrita, finalmente, raiaria no horizonte. Um arremedo do fim das coisas deste mundo, mais precisamente das coisas daquele mundo. Contudo, tão expressivo quanto o movimento místico-político é o estético. No universo da cultura italiana, Dante Aligheri através da **Divina Commedia** promoveu o “encontro dos tempos” antigo e moderno,⁹ enquanto Giovanni Boccaccio¹⁰ prenunciou a modernidade cultural secularizada em **Decameron**.¹¹ Por sua vez, Maquiavel teatralizou este espírito cultural inovador, registrado por Boccaccio, em **La Mandragola**. O conceito estático de homem medieval cedia lugar ao de homem como ser dinâmico e secularizado.

Assim, a concepção basilar de homem do Renascimento reconsidera e reanima a proposta do sofista Protágoras – princípio *homo mensura*. O axioma: “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são”,¹² tão duramente rebatido por Platão,¹³ facilita e clarifica o entendimento do conceito dinâmico de homem renascentista. Por “medida”, Protágoras entendia a norma do juízo, e por “todas as coisas” tomava a amplitude dos fatos e, genericamente, as vivências particulares. Como pretendeu negar a possibilidade de “critérios” universais e necessários que distinguissem o

9. A propósito, conferir o capítulo “O encontro dos tempos”, In BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. 6ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, págs. 130/162. Ver também “O assunto da *Comédia*”, In AUERBACH, Erich. **Dante: poeta do mundo secular**. Tradução Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, págs. 91/126.

10. Em 1366 Petrarca escreveu uma missiva a Giovanni Boccaccio acerca da discussão de como “nulla è correto fino a tal punto che non gli manchi qualcosa”. Petrarca ao retratar seu drama intelectual e moral alertou Boccaccio do perigo da idéia de “renascimento” ser apenas uma imitação da Antigüidade clássica. Boccaccio no **Decameron** superou esta dificuldade e antecipou os rumos culturais da Idade Moderna. A propósito da *lettera di Petrarca a Boccaccio* ver BATKIN, Leonid M. **L’Idea di Individualità nel Rinascimento Italiano**. Tradução Valentina Rossi. Roma-Bari: Laterza, 1992, págs. 5/16.

11. Boccaccio ilustrou, com fina ironia, o processo de secularização em curso, através da história do judeu Abraão, que instigado por Giannotto di Civignì, que desejava ardorosamente sua conversão ao cristianismo, viaja à corte de Roma. Após observar a maldade dos sacerdotes, retorna a Paris, e faz o relato do que observou. In BOCCACCIO, G. **Decameron**. Tradução Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979, págs. 36/37.

12. Acerca do relativismo de Protágoras, conferir In GUTHRIE, W.K.C. **Os Sofistas**. Tradução João Rezende Costa. S. Paulo: Paulus, 1995, pág. 172/181.

13. PLATÃO. **Teeteto**. 152a – 169d.

“ser” do “não-ser”, e o verdadeiro do falso, tanto no sentido lógico quanto moral, restou-lhe um único critério: o homem. Porém o homem individual, guiado pelos seus sentidos, ponte para todos os juízos. Assim, o vinho é saboroso para o apreciador, mas amargo e detestável para o doente.¹⁴ O homem renascentista dispensa as limitações, similitudes e armadilhas da argumentação sofista e torna a proclamar, ancorado no princípio da universalidade: “o Homem é a medida de todas as coisas! Como a dizer: a Humanidade é a sua própria medida! E toda e qualquer idealização anterior deve ser demolida!”

Segundo Engels, o Renascimento, “a maior revolução progressista”, careceu de gigantes e os engendrou.¹⁵ Entretanto, tratava-se um tipo especial de prodígio humano, que configurou-se através de um tipo específico de individualidade, de acordo com as necessidades do tempo histórico. Se as exigências da época eram as de manter-se atento às situações novas, buscar oportunidades para a ação individual, destacar-se nos meios artísticos e sociais, evoluir à velocidade do tempo, fama e glória iluminaram as perspectivas de vida dos gigantes. Num mundo feérico, em que os interditos pareciam suprimidos, vivia-se para a exterioridade, a livre expansão dos talentos. O mundo – *perpetuum mobile* – será tomado como *locus* de aventuras. Ou, secundando Shakespeare, um dos gigantes, pela fala de Macbeth: “Por favor, cala-te! Atrevo-me àquilo a que pode atrever-se um homem; quem a mais se atreve, não o é.”¹⁶

Como o ocorrido na Grécia Antiga, inicialmente as artes – e em seguida o pensamento dito racional – deram conta de expressar as mudanças em curso de todas as instituições da sociedade medieval, em transição. No

14. Conferir “A relatividade do conhecimento: o homem medida de todas as cousas (derivado do heraclitismo)”, In MONDOLFO, Rodolfo. **O Pensamento Antigo: História da Filosofia Greco-romana**. 2ª edição, vol. I. Tradução Lycurgo Gomes da Motta., S. Paulo: Mestre Jou, 1966, págs. 120/121.

15. “...gigantes com poder de pensamento, paixão, caráter, multilaterilidade e sabedoria. Os homens que estabeleceram o moderno domínio da burguesia eram alguma coisa em quase nada limitados pelo espírito burguês. Muito pelo contrário, o caráter aventureiro dessa época neles se refletiu em certa dose. Não existia, então, quase nenhum homem de certa importância que não tivesse feito extensas viagens; que não falasse quatro ou cinco idiomas; que não se projetasse em várias atividades.” ENGELS, F. **A Dialética da Natureza**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Paz Terra, 2000, pág. 16.

16. “Macbeth”, In SHAKESPEARE, W. **Obra Completa**. Vol. I, versão F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969, pág. 489.

universo do Renascimento, há toda uma linha evolutiva da literatura, pintura e escultura, já bastante explorada e assentada.¹⁷ Para além das idealizações e proximidades com o mito judaico-cristão da redenção do homem, base do ideário fundante da Idade Média, os artistas renascentistas passaram a pesquisar e observar mais detalhadamente a natureza, e sobretudo a “natureza” humana: corporeidade e relações inter-humanas. Sem deixar de lado o pano de fundo das matrizes míticas, relidas sob outras “perspectivas”. A pintura principiava por deixar de ser a leitura do analfabeto nos afrescos das catedrais. Um novo teto ideológico desde as artes expressou, com certa antecipação, o que se passava na chamada base material da sociedade feudal ao final da Idade Média européia. Daí a importância dada aos artistas, combinada com a dos mecenas – ou clientes –¹⁸ tanto para as artes quanto para as humanidades e os humanistas.¹⁹

Desde Petrarca, ao redescobrir a obra de Cícero,²⁰ o interesse pela Antigüidade clássica greco-romana, de par com as escavações – as *grottes* – que ocorriam em Roma, avolumou-se e tendeu a reinterpretar o passado fundador da civilização ocidental. Petrarca disparara o processo de existência de toda uma linhagem de humanistas em Florença:²¹ Coluccio Salutati, Leonardo Bruni, Leon Battista Alberti, Marsilio Ficino, Poggio Bracciolini, Mateo Palmieri, Pico della Mirandola e o “filólogo” Lorenzo de Valla.

Se uma das características do Renascimento é a retomada dos clássicos da Antigüidade – desde o universo das artes, da filosofia, da política – não

17. O texto clássico e, ao mesmo tempo, o documento mais seguro acerca da linha evolutiva da pintura e da escultura – do final da Idade Média, mas sobretudo do período do Renascimento – segue sendo o **Le Vite dei più eccellenti pittori scultori e architetti**, de Giorgio Vasari, cuja primeira edição apareceu em Florença, em 1550.

18. A propósito das relações contratuais entre pintor e seu *cliente*, conferir “As condições de mercado”, In BAXANDALL, Michael. **O Olhar Renascente – Pintura e Experiência Social na Itália da Renascença**. tradução Maria Cecília Preto R. Almeida Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, págs. 11/35.

19. A propósito, conferir “Come si formato gli umanisti” e “Due realtà”, In BATKIN, Leonid M. **Gli Umanisti Italiani: Stile di Vita e di Pensiero**. Giorgio Alifredi. Roma-Bari: Laterza, 1990, págs. 15/70 e 71/121, respectivamente.

20. A propósito da redescoberta de Cícero por Petrarca, conferir In GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução Eduardo Brandão. S. Paulo: Martins Fontes, 1995, págs. 895/908.

21. Conferir “Le origini dell’Umanesimo” e “La Vita Civile”, In GARIN, Eugenio. **L’Umanesimo Italiano: Filosofia e Vita Civile nel Rinascimento**. Roma-Bari: Laterza, 1994, págs. 25/46 e pág. 47/93, respectivamente.

se trata simplesmente de uma retomada dos temas, mas de uma apropriação e escolha, pois o Renascimento constituiu a primeira época, historicamente dada, que pode escolher o seu passado. Enquanto os medievais retomaram os antigos e desdobraram o mito judaico-cristão, praticamente sem poder de escolha, os renascentistas lidaram com as aquisições da Antigüidade com critério e discernimento. No arco da filosofia, não só o platonismo voltou à tona, como as doutrinas do epicurismo e do estoicismo antigos foram assimiladas. Assim também, resquícios – mais que ecos – do ceticismo antigo são reconhecidos na filosofia de Montaigne (1533-1592). O capítulo 2, Livro III, dos *Essais* contém reflexões, na forma de silogismo,²² acerca do homem, porém o autor toma a si mesmo como objeto de análise – universal no particular e vice-versa. Montaigne escreveu:

O mundo é movimento; tudo nele muda continuamente... Se minha alma pudesse fixar-se, eu não seria hesitante; falaria claramente, como um homem seguro de si. Mas ela não pára e se agita sempre... Apresento uma vida das mais vulgares, que nada tem de especial. A vida íntima do homem do povo é de resto um assunto filosófico e moral tão interessante quanto a do indivíduo mais brilhante; deparamos em qualquer homem com o Homem. Tratam os escritores em geral de assuntos estranhos à sua personalidade; fugindo à regra – e é a primeira vez que isso se verifica- falo de mim mesmo, de Michel de Montaigne, e não do gramático, poeta ou jurisconsulto, mas do homem.

Se o mundo se queixar de que só fale de mim, eu me queixarei de que ele não pense somente em si. Mas será razoável, vivendo apenas por mim, pretender iniciar o público no conhecimento de mim mesmo?...²³

Em seu substrato, a passagem ilustra algumas características do homem do Renascimento – mesmo que na contramão da “euforia” do espírito deste movimento cultural, sobretudo o reinante na Itália no período anterior ao Concílio de Trento-: antropocentrismo, individualismo, autobiografia, esboço crítico à opinião com má formulação, constante oscilação do homem e do mundo, secularização, possibilidade de alternância da fortuna. Por extensão, as novidades renascentistas incluem: o conhecimento científico

22. A propósito da análise do texto supracitado como silogismo, conferir “L’Humaine Condition”, In AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 3ª ed. S. Paulo: Perspectiva, 1994, pág. 251 ss.

23. MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Col. “Os Pensadores”, 2ª edição, tradução Sérgio Milliet, S. Paulo, Abril Cultural, 1980, págs. 367/368.

da natureza, a dúvida cética, a etiqueta,²⁴ as inovações nas áreas da música, até a reinvenção da pornografia.²⁵

O princípio – “o homem como medida” – passa, necessariamente, pelo estudo do corpo humano. Se para o imaginário cristão o corpo humano foi sempre tomado como pleno de significados, tanto positivos quanto negativos, entre os séculos XIII e XVI, registros da alternância da sensibilidade, sobretudo na Itália, das

...imagens do corpo em si e de sua relação com o espaço traduzem percepções delicadas e complexas da consciência do estar no mundo como ser mimético de um universo mais amplo, como ser teatral em meio a um grupo, como reflexo da angústia da perda de parâmetros absolutos ou como ícone estético ou mágico.²⁶

O arquiteto Vitruvius, que viveu no século I de nossa Era, “havia demonstrado como o homem bem-proporcionado, com braços e pernas estendidos, enquadrar-se-ia nas figuras geométricas perfeitas do círculo e do quadrado”, criando assim “uma imagem nítida do homem como centro do universo, que seduziu pintores, arquitetos e pensadores do século XV em diante”.²⁷

Durante o Renascimento, fra Luca Pacioli

traduziu as especulações de Vitruvius dizendo que no corpo humano poderiam ser encontradas todas as proporções e medidas através das quais Deus revela os mais recônditos segredos da natureza. Essa observação contrapõe-se àquela proposta no século XII, segundo a qual o homem, universo microcósmico, continha

24. ERASMO DE ROTTERDAM. **De civilitate morum puerilium**; CASTIGLIONE, Baldassare. **Il Libro del Cortigiano**; GIOVANNI DELLA CASA. **Galateo**; escritos durante o Renascimento-tratam de etiqueta e boas maneiras, entre outras coisas, do. A propósito, conferir ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Vol. I. Tradução Ruy Jungman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, págs. 82/95. Ecos pontuais desta *educação* no século XVII são encontráveis na obra do jesuíta espanhol GRÁCIAN Baltasar. **Oraculo Manuale**.

25. Ver FINDLEN, Paula. “Humanismo, Política e Pornografia no Renascimento Italiano”, In HUNT, Lynn (org.) – **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade. 1500-1800**. Tradução Carlos Szlak. S. Paulo: Hedra, 1999, págs. 49/114. Como hipótese, talvez a invenção da pornografia durante o Renascimento faça contraponto à misoginia medieval. A propósito, ver BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Tradução Claudia Moraes. S. Paulo: Editora 34, 1995.

26. QUEIROZ, Teresa Aline Pereira de. **O Renascimento**. S. Paulo: Edusp, 1995, pág. 35.

27. *Idem*, pág. 52.

em si todos os elementos do macrocosmo; há uma mudança de conteúdos, no sentido de que ele deixa de ser água, fogo, terra e ar e passa a ser linha pura, idéia, abstração divina; o homem de Pacioli ainda está inserido no mundo do cristianismo, mas é imagem e semelhança de um Deus concebido como idéia pura, e não como natureza.²⁸

Tal concepção é conseqüência, em parte, da influência do neoplatonismo²⁹ – relativamente à ontologia- em voga em Florença desde meados do século XV. “...No lugar do formalismo escolástico surgiu um outro conteúdo. Platão tornou-se conhecido no Ocidente, e com ele surgiu um novo mundo humano.”³⁰ Desde a tomada de Constantinopla por Maomé II,³¹ em 1453, sábios gregos – muitos deles monges de Monte Athos – emigraram para a Itália, levando consigo manuscritos de Platão, Plotino e Aristóteles – alguns inéditos na Europa –. Este evento reforçou o ressurgimento da literatura antiga ao dar seiva nova ao humanismo renascentista, além de contatos com mestres nativos da língua grega. Assim, sob o mecenato de Cosimo de Medici, *Pater Patriae*, foi traduzida grande parte da obra de Platão. E sob a tutela de Lorenzo de Medici, foi criada em Florença a Academia Platônica, por obra de Marsilio Ficino. Também, sob o teto do neoplatonismo, Michelangelo – “artista universal” – esculpiu **Davi**, obra emblemática da cultura renascentista florentina e, de certa forma, autobiográfica. E, no mesmo passo, pintou os afrescos do teto e a

28. *Ibidem*, pág. 52.

29. Conferir “El platonismo renacentista”, In KRISTELLER, Paul O. **El Pensamiento Renacentista y sus Fuentes**. Tradução Federico Patán López. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, págs.73/92.

30. HEGEL, G. W. F. **Filosofia da História**. 2ª ed. Trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: UnB, 1998, pág. 340.

31. Como quer Hegel, “o reviver da ciência foi causado pelo declínio do império bizantino. Muitos gregos fugiram para o Ocidente e trouxeram consigo a literatura grega. Não trouxeram apenas o conhecimento da língua grega, mas também as obras gregas. Poucas dessas obras haviam sido conservadas nos conventos, e o conhecimento da língua grega quase já não existia. Com a literatura foi diferente, pois aqui reinavam ainda antigas tradições... Foi com a influência dos gregos que a antiga literatura grega ressurgiu; o Ocidente tornou-se capaz de desfrutá-la e reconhecê-la; surgiram outras personagens, um outra virtude diversa daquela conhecida até aqui; foi apresentado um novo critério para aquilo que deveria ser honrado, elogiado e imitado. Os gregos apresentaram, em suas obras, mandamentos da moral totalmente diversos daqueles conhecidos pelo Ocidente.” In HEGEL, G. W. F. *Op. Cit.*, pág. 340.

cena secularizada do **Juízo Final**, na Capela Sistina. A inspiração para a figura de Cristo – serena, viril, resolva – do **Juízo Final**, encontrada no pagão Antínoo, jovem grego morto nas águas do Rio Nilo e proclamado deus da juventude romana pelo imperador Adriano. É legendária a ligação amorosa entre Adriano e Antínoo, comparável a de Zeus e Ganimedes. Contudo, a marca indelével da influência do neoplatonismo encontra-se no caráter *non finito*³² das obras de Michelangelo, constantes da primeira fase da sua produção artística.

Talvez o franciscanismo antipapal tenha sido a ponta de lança de relançamento do platonismo em direção ao Renascimento, em contraste com o ideário dominicano, de orientação aristotélica.³³ O franciscanismo pregava o pauperismo, como única possibilidade de se viver autenticamente a mensagem dos **Evangelhos**, frente a ostentação de riqueza por parte da Igreja. Porém, Giotto (1267 ou 1277-1337), mesmo tendo pintado três retábulos assinados – **Estigmatização de S. Francisco**, e, também, os afrescos da **Vida de S. Francisco**, nas paredes baixas da basílica de S. Francisco, em Assis – escreveu um hino contrário à ideologia da pobreza, fonte de todos os males. Segundo Giotto, “a pobreza não desejada conduz ao crime, enquanto a pobreza conscientemente desejada conduz à hipocrisia.”³⁴

No universo das artes, o espírito neoplatônico não se tornou hegemônico, ao menos em meados do último quartel do século XV. Por volta de 1485,

32. “O *non finito* é uma qualidade do estilo plástico de Michelangelo, uma exigência de sua poética neoplatônica, a expressão de sua impaciência como o limite da matéria e da própria forma, diante da transcendência do ‘conceito’... Assim, a arte será expressão da aspiração contínua da alma para algo que a mão não pode realizar e, por isso mesmo, será contraposta aos outros modos do fazer humano, de maneira que o ‘estilo’ se tornará superação da técnica ou -por estar sempre vinculado a uma técnica- técnica transcendental.” In ARGAN, Giulio Carlo. **Clássico Anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel**. Tradução Lorenzo Mammì. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, pág. 296.

33. Conferir “La pobreza franciscana y la riqueza civil en la conformación del pensamiento humanista del Trecento: el papel de Petrarca” e ainda “La pobreza franciscana y la riqueza cívica en la modelación del pensamiento humanista del Trecento: el papel que desempeñó Florencia”, In BARON, Hans. **En Busca del Humanismo Cívico Florentino: ensayos sobre el cambio del pensamiento medieval al moderno**. Tradução Miguel Aberlado Camacho Ocampo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, págs. 138/164 e 165/ 193. Para a caracterização da espiritualidade franciscana, conferir In FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 6ª edição. S. Paulo: Brasiliense, 1995, pág. 195.

34. HELLER, Agnes. *Op. Cit.*, pág. 43.

...Leonardo executará um desenho do homem vitruviano, com um rosto tão poderoso e decidido que aparenta ser uma releitura do tema de Deus, arquiteto do mundo, freqüente na veia racionalista e aristotélica do século XIII e ainda presente mais tarde, como mostra um poema de Lorenzo de Medici, em que se lê: ‘o mais belo arquiteto que imaginou o mundo em sua mente eterna e o criou à sua imagem’. Mesmo dominando a esfera e o quadrado, o paradigma do homem continua a ser Deus.³⁵

Leonardo da Vinci sempre colocou o homem no centro de suas pesquisas. O homem é o modelo do mundo, dizia. Seu conhecidíssimo desenho de Veneza é fruto de reflexão acerca do **De architectura**, de Vitruvius, que retrata o homem nu, com os membros estendidos e desdobrados, resultado das figuras do círculo e do quadrado – objeto de considerações do **De Divina Proportione**, de Luca Pacioli. Por extensão, Leonardo imaginava que a própria terra é imagem e semelhança do homem:

...A terra... tem uma vida vegetativa; sua carne é o solo; seus ossos, sua disposição e a reunião dos rochedos que forma as montanhas; sua cartilagem, o calcário; seu sangue, as fontes vivas. O oceano é a reserva de sangue que cerca o coração; o fluxo e o refluxo do mar são a respiração e as batidas do pulso. O calor da alma é o fogo que atravessa a terra; e a sede da alma vegetativa, o fogo que brota em vários lugares do globo, nos vulcões, na Sicília, no monte Etna e em muitos outros lugares.³⁶

Como o “início é a metade do todo”, resta saber como o homem renascentista, ao deslocar o centro de interesse de Deus para a humanidade, buscou operar a “transvaloração” de todos os valores éticos, como pretendia Nietzsche.³⁷ Tendo como pano de fundo a mudança de situação da “comunidade natural” com uma visão de mundo orgânica³⁸ – com seus indivíduos típicos, um modo próprio de viver, de pensar, de relacionar-se

35. QUEIROZ, T. A P. de. *Op. Cit.*, págs. 52 e 55.

36. In BRAMLY, Serge. **Leonardo da Vinci** (1452-1519), tradução Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1989, págs. 226/227.

37. “Entende-se afinal, ‘quer-se’ entender, ‘o que’ foi o Renascimento? A ‘transvaloração dos valores cristãos’, o ensaio, empreendido com todos os meios, com todos os instintos, com todo o gênio, de levar os valores ‘opostos’, os valores ‘nobres’, à vitória “...Aforismo 61”, de *O Anticristo*, In NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas**. Col. “Os Pensadores”, 2ª edição. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1979, pág. 360. Para Nietzsche, a medida de todas as coisas é o cosmos, incluso o homem.

38. Tanto Maquiavel quanto Bacon lançam mão, ainda, de metáforas orgânicas.

– para o novo estilo de vida do início do desenvolvimento do modo de produção capitalista, com novos tipos individuais específicos. Como escreveu Marx, trata-se de momento privilegiado, em que as condições reais e objetivas de “desenvolvimento universal do indivíduo” poderiam se dar, e, de fato, se deram. Concomitante com o momento histórico em que a burguesia se auto-reconhecia como classe social portadora e capaz de múltiplas ascensões, a proclamar altaneira: “nenhum limite é sagrado”. Como quer Agnes Heller,

...com o Renascimento surge um conceito dinâmico de homem. O indivíduo passa a ter sua própria história de desenvolvimento pessoal, tal como a sociedade adquire também a sua história de desenvolvimento. A identidade contraditória do indivíduo e da sociedade surge em todas as categorias fundamentais. A relação entre o indivíduo e a situação torna-se fluída; o passado, o presente e o futuro transformam-se em criações humanas. Esta ‘humanidade’, no entanto, constitui um conceito generalizado, homogêneo. É neste momento que a ‘liberdade’ e a ‘fraternidade’ nascem como categorias ontológicas imanentes. O tempo e o espaço humanizam-se e o infinito transforma-se numa realidade social. Mas por muito dinâmico que o homem possa ser na sua interação com a história antropológicamente ainda é eterno, genérico e homogêneo. O homem cria o mundo, mas não recria a humanidade; a história, a ‘situação’, mantém-se externa a ele.³⁹

Talvez por isto mesmo, o realismo de Maquiavel, luminar do Renascimento, apontava antes de mais nada para o anti-utopismo. Com sua teoria política não quis reformar o homem, muito menos a sociedade. Se é correto afirmar que só com o desenvolvimento do capitalismo foi possível o desenvolvimento pleno do indivíduo – aceite como condição *sine qua non* – resta saber se existiu de fato um “ideal de homem do Renascimento”. E mais, como se deu a passagem e ruptura dos valores éticos e morais medievos para os modernos? Quais os valores que passaram a servir de guia para os novos atores sociais, em cena, no palco “giratório” do século XV para o XVI?

Os tipos característicos da idade anterior, praticamente, desaparecem aos poucos do cenário sócio-político-econômico, dando lugar a outros tipos sociais: banqueiro, mercador, príncipe, cardeal, navegador e indígena,

39. HELLER, Agnes. *Op. Cit.*, pág. 9.

condottiere, cortesão, filósofo e mago, mulher renascentista... Quais as novíssimas práticas sociais destes tipos em ação? Não por acaso, Shakespeare esforçou-se para caracterizar os modernos “vilões” e os “ingênuos” de sempre, no mesmo passo que estigmatizou a pureza e o interesse pelo Ser, na figura de Hamlet⁴⁰ – homem ajuizado e prudente, que não suporta conviver com a injustiça e a dúvida, mas que não consegue levar sua determinação a bom termo, pois transparece em suas falas um certo fastio com o homem em um tempo desarranjado. Além do que, Shakespeare deu expressão dramática ao homem “político” em transição.⁴¹ Mas, somente ele, sombreando os contemporâneos, primos pobres do universo elizabetano, como Christopher Marlowe (1564-1593), Ben Jonson (1572-1637) e John Donne (1572-1631), conseguiu universalizar a problemática ética relativa aos “novíssimos” tipos sociais e seus costumes, até então pouco explicitados.

Se o coro das tragédias de Sófocles proclamava, reiteradamente, que a origem de todo mal reside na ausência de medida, o homem renascentista, de par com tal princípio, apresenta-se como medida, porém de perfil distinto do trágico, pois a marca da submissão religiosa, presente entre os gregos, encontrava-se como vimos, desde o século XII de nossa Era, em processo de dissolução.

Pensado desde o Renascimento, “o homem como medida” é um ser inacabado, que se automodela aos poucos e aos saltos, em liberdade. Como queria Pico della Mirandola:

40. “Hamlet, tantas vezes chamado o primeiro indivíduo verdadeiramente moderno, é a encarnação da idéia de individualidade pela própria razão de que ele teme o caráter decisivo da morte, o terror do abismo. A profundidade das suas reflexões metafísicas, as sutis nuances da mente, pressupõem o condicionamento do cristianismo. Pois embora Hamlet, bom discípulo de Montaigne, tenha perdido a fé cristã, ele conservou a alma cristã, e de certo modo isso marca a origem real do indivíduo moderno. O Cristianismo criou o princípio do individualismo através da sua doutrina da alma imortal, uma imagem de Deus. Mas ao mesmo tempo relativizou a individualidade mortal concreta. O humanismo da Renascença preserva o valor infinito do indivíduo tal como foi concebido pelo Cristianismo, mas o absolutiza, cristalizando-o assim totalmente, mas também preparando a sua destruição. Para Hamlet, o indivíduo é ao mesmo tempo uma entidade absoluta e completamente fútil.” In HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976, pág. 148.

41. *Apud* HELIODORA, BÁRBARA. **A Expressão Dramática do Homem Político em Shakespeare**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, págs. 204/302. Particularmente a análise de *Richard II*, que se encontra entre as páginas 251/271.

...o homem é o mensageiro da criação, o rei das criaturas inferiores, o intérprete da natureza inteira pela agudeza do sentidos, pela inquirição da mente e pela luz do intelecto; que é ainda o traço de ligação entre a eternidade imóvel e o tempo transitório...⁴²

Maquiavel, Montaigne, Shakespeare, Bacon, “perceberam” outros aspectos da medida humana, em ação: crueldade, misantropia, vilania, dissimulação, sob um arco pleno de tensões, em que desfilaram desde o pauperismo até os efeitos devastadores da riqueza.

42. GIOVANNI PICO (Pico della Mirândola). *Op. cit.*, pág. 50.